

## **XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017**

### **GT-6 – Informação, Educação e Trabalho**

#### **CONTAR HISTÓRIAS NA BIBLIOTECA: RELATOS DE CONTADORES DO SUL DO BRASIL<sup>1</sup>**

**Felícia de Oliveira Fleck - (Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC)**

**Miriam Vieira da Cunha - (Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC)**

#### **TELLING STORIES IN THE LIBRARY: REPORTS FROM STORYTELLERS FROM SOUTHERN BRAZIL**

#### **Modalidade da Apresentação: Comunicação Oral**

##### **Resumo:**

O universo da contação de histórias é bastante amplo, podendo adequar-se a diferentes espaços e a fins diversos. Há uma demanda crescente dessa prática em instituições escolares e culturais, com a contratação de profissionais especialmente dedicados a esta tarefa. Mesmo sendo oriunda da tradição oral, a contação de histórias pode abrir espaço para a mediação entre práticas orais e escritas, contribuindo para a democratização e difusão do livro e da leitura. Nesse sentido, as bibliotecas são espaços ímpares para o desenvolvimento dessa atividade, sobretudo as públicas e comunitárias que devem ser recintos educativos, culturais e de lazer. A contação de histórias se constitui, assim, como prática privilegiada na biblioteca, como expressão artística, contribuindo para o desenvolvimento da imaginação e da criatividade. Como expressão cultural, valoriza e preserva as origens, características e singularidades de determinada cultura, ao mesmo tempo em que permite o respeito e o interesse por culturas distintas, sendo um meio de trazer à tona as diversidades. O presente estudo apresenta relatos de contadores de histórias profissionais que atuam em bibliotecas públicas e comunitárias do sul do Brasil, acerca de suas experiências. Nesses relatos, os contadores de histórias tratam das especificidades de suas práticas no ambiente da biblioteca, considerado por eles propício para o desenvolvimento da contação de histórias. Embora o incentivo à leitura não seja

---

<sup>1</sup> O texto apresentado é resultado parcial de reflexões referentes à pesquisa de tese em andamento sobre a história de vida de contadores de histórias atuantes em bibliotecas de Santa Catarina.

o objetivo principal da atividade desses contadores, eles acreditam que exista, de forma natural, uma relação de proximidade com os livros, já que os ouvintes são estimulados ao contato e ao livre manuseio desses materiais. Em seus depoimentos, salientam que a prática do contar histórias leva à ressignificação da biblioteca e a uma maior frequência na visitação a essas unidades e ao crescimento do número de empréstimos de documentos, em especial das histórias lidas / narradas pelos contadores.

**Palavras-Chave:** Contação de Histórias; Bibliotecas; Mediação de Leitura.

**Abstract:**

The universe of storytelling is quite broad, it can suit different spaces and different purposes. There is a growing demand for this practice in schools and cultural institutions, which require hiring professionals specially dedicated to this task. Even if it originates from oral tradition, storytelling can open spaces for mediation between oral and written practices, and can contribute to the democratization and diffusion of books and reading. In this sense, libraries are good spaces for the development of this activity, especially the public and community ones that should be places of education, culture and leisure. Storytelling thus constitutes a privileged practice in the library as an artistic expression, contributing to the development of imagination and creativity. As a cultural expression, it values and preserves the origins, characteristics and singularities of a given culture, while allowing respect for and interest in different cultures, as a means of showing diversity. This study presents accounts of professional storytellers who work in public and community libraries in southern Brazil as well as their experiences. In these stories, storytellers deal with the specificities of their practices in the library environment, considered by them to be conducive to storytelling development. Although the incentive to read is not the main purpose of the activity of these storytellers, they believe that there is a natural relationship with books, since the listeners are encouraged to contact and to freely manipulate these materials. In their testimonies, they emphasize that the practice of storytelling leads to the re-signification of the library and to a greater frequency in the visitation to these units and the increase in the number of document loans, especially of the stories read / narrated by them.

**Keywords:** Storytelling; Libraries; Mediation in Reading.

## 1 INTRODUÇÃO

Embora a prática da contação de histórias seja bastante ampla e caiba em diferentes espaços e situações, a biblioteca se configura como lugar privilegiado para essa atividade, já que entre suas funções reconhecidas, deve ser recinto educativo, cultural e de lazer.

Em referência a esta questão, Polo considera

Si tuviera que definir el objetivo principal de la biblioteca orientado a este tipo de actividades aparentemente ajenas a sus quehaceres cotidianos, diría que la biblioteca no es un centro cultural, tampoco es un teatro, pero si es un espacio escénico susceptible de ser utilizado por cualquier puesta en escena, con una escenografía básica de lujo: "los libros" (POLO, 2004, n.p.).

A autora acredita que os momentos prévios ao de uma apresentação de contação de histórias são bastante propícios para um encontro agradável com o livro. Para ela, uma pequena introdução, sugestão ou convite à leitura feita pelo bibliotecário antes da sessão de contos pode estimular os participantes a terem uma atitude receptiva, ativa e tranqüila diante do livro (POLO, 2004).

Bruno (2017, n.p.) reforça a ideia da biblioteca como espaço natural para o conto narrado: "los libros toman voz y los cuentos se hacen palabra: la biblioteca es tierra de cuentos". A arte de narrar destinada às crianças e ligada essencialmente às bibliotecas e às escolas surgiu na Escandinávia no final do século XIX e foi pouco a pouco se estendendo pela Europa e América (CÉSPEDES, 1991; BRUNO, 2011). Esse movimento é mencionado por Céspedes (1991 p. 29), como "corrente escandinava de narração de histórias", em diferenciação ao que ele intitula "narração oral cênica", que se estende a outros espaços e públicos e é, essencialmente, um processo comunicativo, uma nova arte derivada de uma arte antiga.

Segundo Bruno (2011, 2017), na década de 1930 chega a Espanha a "hora do conto". A partir de então, a prática de contar toma forma especialmente entre bibliotecários, professores e escritores de livros infantis. É nos anos 1980 e especialmente nos 1990 que há uma consolidação desta prática no país, com o surgimento de um pequeno grupo de pessoas que passa a se dedicar profissionalmente a esse ofício. O fato é resultado de um movimento de revalorização do conto oral por parte de estudiosos, escritores e folcloristas (que iniciou em meados do século XIX) e posteriormente, de uma renovação pedagógica que incentivou

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017  
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

a entrada do conto nas salas de aula e nos currículos escolares (a partir dos anos 1970).

Sanfilippo (2005) ressalta que também nos anos 1980, em vários países europeus, o teatro estava recuperando o prazer de contar histórias, ao mesmo tempo em que os centros de ensino e as bibliotecas passavam a valorizar a narração oral. Segundo ela, esta tendência paralela da pedagogia e do teatro “encontró un terreno común en la animación teatral que empleó, frecuentemente, el recurso de la narración de cuentos de hadas y otras historias maravillosas” (SANFILIPPO, 2005, p. 25).

Para a autora, na Itália a narração oral é uma prática mais vinculada às artes cênicas, sendo considerada um gênero teatral dentro do teatro italiano contemporâneo. Já o trabalho desenvolvido pelos contadores espanhóis assemelha-se à prática dos franceses e latino americanos (SANFILIPPO, 2005).

O Brasil, portanto, se enquadra neste último panorama. Em estudo sobre os contadores de histórias no Brasil e na França, Patrini (2005), ressalta o trabalho desenvolvido pelas bibliotecas e pelos bibliotecários brasileiros a partir dos anos 1980 em relação à arte de contar histórias.

Também denominada em nosso país de “hora do conto” ou “hora da história”, a atividade ganhou impulso a partir de então, nas bibliotecas públicas e escolares, assim como nas salas de leitura, sendo desenvolvida por “bibliotecários, estagiários e estudantes dos cursos de Pedagogia, Letras, Comunicação e, também, por professores, arte-educadores, artistas de teatro, etc.” (PATRINI, 2005, p. 21).

O surgimento da contação de histórias nas bibliotecas redimensionou, na visão de Patrini (2005, p. 21), “o seu espaço para uma multiplicidade de usos”, exigindo um novo posicionamento dos bibliotecários e funcionários, “em relação às tradicionais concepções de uso desse território antes tratado/considerado quase como sagrado”. A dimensão cultural das bibliotecas passou a ser mais valorizada e junto com ela a necessidade de se oferecer um espaço convidativo e agradável ao leitor, com novas práticas de ocupação.

Uma década depois surgiu o PROLER, Programa Nacional de Incentivo à Leitura, instituído pelo Decreto Presidencial nº 519, em 13 de maio de 1992, vinculado à Fundação Biblioteca Nacional, órgão do Ministério da Cultura (MINC). Por meio de seus Comitês, organizados em cidades brasileiras, esse Programa tem por finalidade “contribuir para a ampliação do direito à leitura, promovendo condições de acesso a práticas de leitura e de escrita críticas e criativas”. Para que isso seja possível, é necessária a articulação da leitura

com outras expressões culturais, assim como o acesso a materiais escritos, a abertura de novos espaços de leitura e a integração das práticas de leitura aos hábitos espontâneos da sociedade, “constituindo, dentro e fora da biblioteca e escola, uma sociedade leitora na qual a participação dos cidadãos no processo democrático seja efetiva” (PROLER, 2016).

Por ter entre seus eixos de ação a formação continuada de promotores de leitura, oferecendo, entre outros, cursos de contação de histórias, acredita-se que o Proler tenha contribuído para a proliferação dos contadores de histórias no Brasil, já que considera essa prática fundamental para implementar o gosto pela leitura e o consumo de livros.

Nesta mesma linha, Sisto (2001) relaciona o *boom* dos contadores de histórias à difusão das bibliotecas no Brasil e ao seu reconhecimento como organismos dinâmicos de promoção da leitura. Isso se deu especialmente nos anos 1990, quando o movimento dos contadores de histórias se manifestou com maior vigor, por meio da proliferação de narradores atuando em grupos ou individualmente; de pessoas interessadas na arte de narrar e na organização de espaços próprios para discutir o assunto como encontros, colóquios, seminários, maratonas de contos.

É importante ressaltar que a adoção da prática do contar histórias em um ambiente próprio da cultura letrada, a biblioteca, evidencia o quanto oralidade e escrita se entrelaçam no fazer contemporâneo do contador de histórias. A palavra escrita, usualmente, serve de matéria-prima ao narrador, que lhe oferece uma nova roupagem para que possa ser transmitida oralmente. A forma oral, por sua vez, confere à palavra novos significados e produz novas formas de narratividade.

Em relação a isso, Bajard considera que

o contador produz um discurso que raras vezes é inteiramente construído no próprio ato de contar. Frequentemente ele insere elementos emprestados de textos escritos, mantendo, no entanto, a coerência global do texto, guiado pela economia da oralidade (BAJARD, 2002, p. 98).

Por um lado o fazer contemporâneo do contador de histórias no espaço da biblioteca pode favorecer a “confusão, na medida em que as fronteiras entre língua oral e escrita são apagadas”, como pontua Bajard (2005, p. 17). Por outro, o contador pode justamente abrir espaço para a mediação entre as práticas orais e escritas. Mesmo sendo um “representante da tradição oral”, pode também possibilitar o acesso ao escrito e contribuir para a democratização do livro e da leitura (COUTINHO, 2014, p. 28).

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017**  
**23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

Nesse sentido, pode-se dizer que a arte do contador de histórias se aproxima da prática do mediador de leitura, na medida em que esse profissional compartilha com seus ouvintes aquilo que primeiro o tocou como leitor. Para tratar sobre mediação de leitura, de acordo com Munita e Manresa (2012, p. 120), é preciso considerar a noção de “zona de desenvolvimento proximal” apresentada por Vigotski (2009). Ou seja, considerar a distância entre aquilo que o mediado pode fazer sozinho e o que pode fazer a partir da ajuda de um agente externo, que neste caso, atua como um facilitador de seu processo de aprendizagem.

Estes autores apresentam a ideia de mediação como

el acercamiento del niño a los libros y su entrada al campo literário, así como la progresiva apropiación de sus particularidades discursivas, necesitan de unos adultos que mediaten el objeto de aprendizaje (el discurso literário), dotándolo de sentido en el contexto de la actividad de niñas e niños (MUNITA; MANRESA, 2012, p. 120).

A mediação é, então, um convite para adentrar o universo da leitura e da literatura de uma forma prazerosa e envolvente e também uma prática que pode potencializar o desenvolvimento da competência leitora. O contador de histórias contemporâneo, além de mediador de leitura, também pode ser considerado, muitas vezes, um divulgador de obras, autores e editoras. Yunes (2012) salienta inclusive, que dessa forma, se abre a possibilidade de acesso a livros e autores menos conhecidos, oferecendo novas formas de circulação desses materiais.

Em meio a esse cenário, tendo em vista o entrecruzamento da oralidade e da escrita e a apropriação da atividade de contação de histórias pelas bibliotecas, é interessante conhecer o que pensam os contadores: Que percepções têm sobre o seu fazer neste espaço específico? Como conduzem a sua prática? Que reflexões surgem a partir de sua atuação?

O presente texto expõe relatos de contadores de histórias profissionais que atuam em bibliotecas públicas e comunitárias do sul do Brasil, acerca de suas experiências. É resultado parcial de reflexões referentes à pesquisa de tese em andamento sobre a história de vida de contadores de histórias atuantes em bibliotecas de Santa Catarina.

## 2 DESENVOLVIMENTO

### 2.1 Procedimentos Metodológicos

Para tanto, a metodologia utilizada foi a história de vida, que se caracteriza, de acordo com Lucília Delgado (2006, p. 21), por

depoimentos aprofundados e, normalmente, mais prolongados, orientados por roteiros abertos, semi-estruturados ou estruturados, que objetivam reconstruir, por meio do diálogo do entrevistador com o entrevistado, a trajetória de vida de determinado sujeito (anônimo ou público), desde sua mais tenra infância até os dias presentes.

Esta metodologia de trabalho está alicerçada na história oral, que, segundo Alberti (2013, p.24)

é um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica, etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. (...) Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, conjunturas, à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou os testemunharam.

A história oral tem caráter interdisciplinar e se presta a diversas abordagens. Tem relação estreita com categorias como biografia, tradição oral, memória, linguagem falada, métodos qualitativos, etc. Dialoga com diversas áreas das ciências humanas, sociais e da saúde (ALBERTI, 2013).

Essa metodologia prioriza a alteridade e a singularidade dos sujeitos na história, tendo em vista que os relatos são pistas sobre a consciência que a pessoa tem de si mesma no mundo. Os fragmentos de memória, os relatos apresentados pelo entrevistado, mesmo que com a participação do entrevistador, nos dão condições de refletir e perceber quais são as imagens, percepções, qual ou quais identidades são reivindicadas e construídas por ele.

Adotar o método de trabalho com fontes orais é valorizar a subjetividade do indivíduo, levando em conta, segundo Portelli (1997), mais os significados do que os eventos. É entrar em contato, não apenas com o evento em si, mas com o que as pessoas pensam sobre ele, o que fizeram, o que queriam fazer, o que acreditavam estar fazendo e até mesmo, o que hoje pensam acerca do que fizeram. “É a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu” (ALBERTI, 2013, p.31). É a história da memória dos

acontecimentos, de como eles repercutem até os nossos dias. E como eles lançam nova luz sobre áreas inexploradas, resignificando e atualizando o passado e o presente.

Neste estudo, fizemos uso da pesquisa biográfica múltipla, que é um conjunto de depoimentos de história de vida de sujeitos que atuam em um mesmo grupo profissional, neste caso, contadores de histórias atuantes em Santa Catarina. Entrevistamos um contador de histórias de cada uma das seis mesorregiões do estado de Santa Catarina<sup>2</sup>, com o intuito de obter uma representatividade dos contadores atuantes no estado.

Para a seleção da amostra, levou-se em consideração que o entrevistado deveria:

- considerar-se um contador de histórias profissional;
- exercer atividade profissional como contador de histórias há pelo menos cinco anos;
- atuar ou já ter atuado em bibliotecas (especialmente públicas e comunitárias) de sua mesorregião.

Considera-se contador de histórias profissional aquele que desenvolve esse trabalho de forma contínua e que recebe remuneração para tal. Não é necessário que viva exclusivamente dessa atividade, mas que ela ocupe papel significativo em sua prática profissional.

Primeiramente foi traçado um panorama dos potenciais entrevistados, por meio de mapeamento prévio de ações, projetos e grupos de contadores de histórias que desenvolvem trabalho em bibliotecas de Santa Catarina. Trata-se de um universo pouco conhecido e pouco divulgado. Na medida do possível, além da representatividade por mesorregiões buscou-se entrevistar pessoas que tivessem áreas de formação inicial distintas, o que foi possível: três entrevistados são professores, dois são atores e um está concluindo a graduação em biblioteconomia. Não se conseguiu ter uma representatividade de gênero igualitária: foram cinco mulheres e um homem<sup>3</sup>, com idades entre 27 e 50 anos.

De acordo com as condições acordadas com os entrevistados a partir do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), nenhum deles terá sua identidade revelada. Cada um escolheu uma personagem de seu repertório pessoal ou de histórias populares para ser

---

<sup>2</sup> A saber: Grande Florianópolis, Norte Catarinense, Oeste Catarinense, Serrana, Sul Catarinense e Vale do Itajaí.

<sup>3</sup> É importante destacar que pela pesquisa envolver pessoas que desenvolvam trabalho de contação de histórias em bibliotecas (e especialmente de ser esse perfil bastante restrito), a variável sexo não foi determinante no momento de composição da amostra. Em função disso não nos parece um problema o fato de haver uma predominância de mulheres entrevistadas.



identificado no texto. Na seqüência, apresentamos uma breve descrição dos entrevistados e seus relatos sobre o contar histórias em bibliotecas.

## **2.2 Resultados e Discussão**

Maria, Chapeuzinho amarelo e Obax têm vinculação institucional com as bibliotecas em que trabalham, ou seja, são contratadas especificamente para contar histórias nestes ambientes, sendo essa sua principal ocupação. Maria atua há nove anos em uma biblioteca e Chapeuzinho há três em um projeto de biblioteca itinerante. Obax é contratada do setor de Ação Cultural da Biblioteca em que trabalha e há doze anos desenvolve um projeto de contação de histórias. As três também desenvolvem projetos paralelos e contam histórias em outros espaços, além das bibliotecas.

Severino trabalhou durante quatro anos em projetos de contação de histórias vinculados a bibliotecas itinerantes de seu município, atuando hoje em diferentes lugares e ocasionalmente em bibliotecas. Mariana organizou três edições de um circuito de contação de histórias na Biblioteca Pública da cidade onde mora. Saci atuou em um projeto do Governo Federal. Semanalmente, durante seis meses, sua função era contar histórias em uma biblioteca. Severino, Mariana e Saci não têm vínculo institucional com as bibliotecas, desenvolvendo seu trabalho como autônomos.

As diferentes vivências dos sujeitos da pesquisa proporcionam uma riqueza de olhares e percepções sobre o contar neste ambiente, trazendo por um lado a imersão do fazer cotidiano e por outro o distanciamento de quem atua circulando em espaços variados.

O tempo de atuação na biblioteca diverge bastante entre eles, variando de seis meses a doze anos. Segundo os relatos, todos os entrevistados têm uma relação e uma reflexão sobre o contar neste espaço.

Alguns deles acreditam que a biblioteca é o ambiente mais propício para contar histórias

*Acho que é mágico. Para mim o lugar mais apropriado para uma contação de histórias é dentro de uma biblioteca (Maria).*

*Eu gosto de contar histórias na biblioteca pela questão de que eu conto história e eles podem manusear os livros, indiferentemente se a história que eu contei é com livro ou não, se vão manusear a minha história ou qualquer outra. Eu gosto disso, gosto de vê-los manuseando, eles procurando*

*elementos da história que eu contei, fazendo relação, gosto muito disso (Chapeuzinho amarelo).*

Embora identifiquem que a prática seja a mesma do contar em outros lugares

*Contar na biblioteca é a mesma prática do que contar em outros lugares, (...) eu só acho mais mágico o ambiente, (...) pela leitura eu acho, pelo que a leitura te proporciona: imaginação, fantasia.... Mas é a mesma prática, se eu contar ali fora é o mesmo ritual, com o livro, sem o livro, a brincadeira inicial que eu uso (Maria).*

A relação com o espaço da biblioteca promove uma interação diferente com as pessoas, segundo aponta Saci

*Eu acho que quando acontece dentro das bibliotecas, nas experiências que eu tive, sempre foram experiências mais próximas, você está muito mais próxima das pessoas, você as acolhe de uma maneira diferente. Talvez a palavra dentro da biblioteca seja acolhida pelas pessoas de uma maneira diferente também, porque o ambiente faz a pessoa se perceber diferente na experiência com o que você está dizendo, diferente de quando você está num grande auditório, que você tem uma outra relação de espetacularidade com as pessoas (Saci).*

Essa maior proximidade com o público pode favorecer uma característica imprescindível da narração oral, na visão de Céspedes (1991, p. 99): o fato de não se contar histórias para os demais, mas sim, com os demais; contar a partir das ressonâncias que o conto vai encontrando nos olhos, sorrisos e expressões do público. Trata-se, assim, de um ato aberto, uma criação coletiva com a plateia.

Em relação aos objetivos dos contadores em desenvolver o trabalho nas bibliotecas, inevitavelmente surge a questão do incentivo à leitura.

*Não digo que a contação de história em primeiro plano vai incentivar à leitura, acho que por si só vai incentivar, mas acho que tem coisas mais importantes, como a imaginação, a criatividade (...) Não quero dizer que o incentivo à leitura fique em segundo plano, mas é uma coisa involuntária (Severino).*

*O meu contar história não é pelo incentivo à leitura, é pelo prazer de ouvi-las, o incentivo à leitura é consequência. Acho que o ambiente não interfere, acho que um existe sem o outro, não são coisas indissociáveis. Eu gosto, eu gosto muito de ler, então gosto de ver eles criando amor pelos livros, se eu só contar histórias toda a vida, não tivesse o ambiente (da biblioteca), talvez eu sentisse que falta alguma coisa (Chapeuzinho amarelo).*

Sobre esta temática, Bajard (2002, p. 98) reforça: “a escuta de histórias não é necessariamente um meio de aproximação do livro”. Não há uma relação automática e

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017**  
**23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

natural entre esses dois elementos, é preciso que essa relação seja construída, se assim se pretende, considerando as especificidades das práticas de oralidade e escrita.

Mesmo que o incentivo à leitura não seja o único ou o principal objetivo ao contar, a biblioteca é percebida como espaço de leitura e os contadores salientam a preocupação em referenciar o livro / história que contaram

*Às vezes eu escuto na biblioteca, mas essa história tem livro? Então eu já deixo o livro separado. (Severino)*

*Normalmente em todos os lugares que eu conto, se eu tenho a possibilidade, eu levo os livros junto para mostrar, essa história tem nesse livro. No fim o objetivo é sempre esse. Se as pessoas estão dispostas a ouvir, eu estou disposta a contar, é meio que um contrato, uma coisa ali na hora. (...) Eu sempre gosto de mostrar o livro ao final (Obax).*

*E a contação dentro da biblioteca fazia com que as crianças fizessem o link muito instantâneo, que as vezes a gente dizia ao final, vocês gostaram? Querem mais? Ó, tem lá, tem nos livros. E era aquela festa, então eu acho que uma contação feita dentro de um espaço que tenha livros vai fazer o link das histórias com os livros (Mariana)*

O retorno da prática pode ser percebido objetivamente, como no relato de Mariana

*Para nós houve um ganho muito grande quando a gente viu o relatório da biblioteca e viu que no período do festival, do circuito, aumentou o número de carteirinhas, aumentou o número de empréstimos e as crianças que vieram para o circuito, uma grande parte, acho que uns 80% nunca tinham ido à biblioteca pública, foram pela primeira vez. Então a gente conseguiu três coisas, que as pessoas conhecessem a biblioteca pela primeira vez, que elas fizessem a carteirinha e que elas pegassem mais livros. Eu acho que favoreceu a biblioteca num sentido bem amplo (Mariana).*

Ou de forma mais subjetiva, em outros relatos. Os contadores acreditam que ao contar na biblioteca estão “plantando uma semente”

*Aqui eu não sei, porque muitas vezes os alunos que vem são de comunidades pequenas, mas acredito que lá na escola eles procuram um pouco mais pelo livro, vão procurar se tem biblioteca na escola. Pelo menos uma sementinha, alguma coisa fica. Eu espero, eu quero acreditar, porque eles gostam. E também tem aquela coisa, quem gosta de ler, gosta. Quem não gosta, vai continuar não gostando. Pelo menos incentiva, é uma forma de mostrar que pode ser bom (Maria).*

*É uma forma de eu plantar uma semente. E a coisa de mostrar para as pessoas que o meu intuito de contar histórias é que a pessoa vá buscar o livro, vá buscar a leitura, vá buscar a história. Que é fazer com que esse prazer que eu sinto, ela também sinta. Meu intuito é viciar eles na biblioteca, viciar em livros, esse prazer que eu sinto todos eles também podem sentir, é muito gostoso, é muito bom (Obax).*

*Eles começaram a se relacionar com aquele acervo, sabe?  
Tem fotos lindas deles todos sentados, com os livros nas mãos, lendo depois da apresentação e num movimento voluntário, natural, que eu acho que é bem melhor quando a gente convence pelo exemplo e pelo afeto do que ficar naquele discurso, “vamos ler que ler é bom”, “quando a gente lê a gente viaja”, isso não forma leitor. Quanto mais a gente lia junto, quanto mais a gente contava eles também queriam mais daquilo. (...) Contar histórias dentro daquele espaço para fazer com que as crianças também vivenciassem aquele espaço e conhecessem aquele acervo (Saci).*

Castrillón (2011, p. 36) defende que as bibliotecas devem ser espaços para o encontro, “onde crianças, jovens e adultos de todas as condições, leitores e não leitores, escolares e não escolares, encontrem respostas a seus problemas e interesses e lhes sejam abertas novas perspectivas”. Dessa forma, as bibliotecas se constituem espaços democráticos e de acesso à leitura (e às histórias). Não é privilégio de alguns ou apenas prática direcionada à recreação e ao lazer, mas mais do que isso, “é um direito de todos que, além disso, permite um exercício pleno de democracia” (Castrillón, 2011, p. 19).

Em seu depoimento, Obax reforça ainda a ideia do livro como valor

*Vocês querem dar um presente legal para um amigo de vocês? Dêem esse livro, vocês não gostaram da história? Também acho que a minha função como bibliotecária, do consumo do objeto livro, do objeto cultural livro e que também seja uma forma de presente, de prazer para a pessoa (Obax).*

A semente a ser plantada passa pela via do afeto, na relação com o livro, com a leitura e com os ouvintes

*E começa a ter um movimento que é de afeto mesmo e que eles começam a confiar no que você diz, então se você mostra um livro e diz que esse livro é muito bom, por causa disso, disso e disso, ele confia em você e ele quer ler aquele livro porque ele confiou em você e a história que você contou antes, ele curtiu também (Saci).*

Saci acredita que na biblioteca há um vínculo diferente que é construído na relação com as pessoas. Talvez isso aconteça em função da frequência com que a experiência se repita, o que possibilita uma construção conjunta de proximidade e afeto, acolhimento e confiança.

Para Céspedes (1991, p. 26, tradução minha) a arte de narrar é o resultado de uma busca de “equilíbrio entre a personalidade do conto, a personalidade do narrador, a personalidade coletiva do público, a personalidade do lugar e a personalidade da circunstância em que se conta”. Tendo isso em vista, cada apresentação de contação de

histórias é uma mescla dessas condições, fazendo com que seja ímpar e impregnada de subjetividades.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A ideia da biblioteca como espaço privilegiado para a prática da contação de histórias, ficou expressa nos discursos dos entrevistados e é corroborada na afirmação de Polo (2004, p. 64):

independientemente de los lugares y los recursos culturales o escénicos que la biblioteca utilice para estas actividades, la biblioteca en sí misma es el centro impulsor y vivo del hecho lector. En la propia biblioteca las actividades adquieren más personalidad, sin apenas preverlo, se funden con los libros y los lectores sin darnos cuenta. Adquieren una dimensión diferente: tal vez un contexto inusual que nos hace vivir ese momento como un momento especial. Esa sensación interior que el usuario percibe, no se vive en un teatro ni en otro lugar, sólo me atrevería a decir que se siente en la biblioteca.

Por outro, deve-se tomar cuidado, para não se entregar a uma visão excessivamente romântica sobre o contar histórias nesse ambiente. Sanfilippo (2005) alerta que há editores de literatura infantil que se aproveitam da ideia de que ler é bom, apenas para vender livros. Castrillón (2011) reforça que uma das tendências da biblioteca pública tem sido oferecer atividades inclinadas ao lazer, desacompanhadas de um senso crítico, ou seja, voltadas a uma leitura (e escuta) para o consumo.

Se é primordial uma reflexão sobre o papel da prática do ler e do contar, é preciso também considerar que nem sempre a biblioteca dispõe de ambiente apropriado para a atividade da contação, seja em relação ao espaço físico, ou em relação à sua concepção como equipamento cultural. Muitas vezes é necessária uma resignificação do espaço, como aponta o depoimento de Saci:

*A gente tem que tomar um cuidado para a biblioteca não se tornar um depósito de livros. O lugar onde a biblioteca estava instalada, era também o escritório da organização da praça, então tudo acontecia ali e se resolvia ali, então acho que realizar o projeto no espaço foi bem importante para resignificar o espaço, para mostrar que aquele espaço ali não podia ser só um depósito de livros, não era um lugar onde os livros estavam armazenados (Saci).*

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017  
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

Contar histórias na biblioteca pode ser uma forma de aproximação do livro. O contador, neste contexto, pode ser visto também como mediador de leitura, um leitor experiente capaz de apresentar a outros potenciais leitores o vasto universo dos livros e das histórias.

Dessa forma, pode contribuir para que crianças, jovens e adultos se sintam pertencentes a esse ambiente, assegurando o direito à leitura, à educação e à cultura e o fortalecimento da biblioteca como espaço democrático, de reconhecimento de si e do outro.

## **REFERÊNCIAS**

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

BAJARD, Élie. **Caminhos da escrita**: espaços de aprendizagem. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. Reconto: herança ou criação? In: PATRINI, Maria de Lourdes. **A renovação do conto**: emergência de uma prática oral. São Paulo: Cortez, 2005.

BRUNO, Pep. **La hora del cuento**. Disponível em:  
<[http://www.pepbruno.com/index.php?option=com\\_content&view=article&id=435:otros-oficios-i&catid=44&Itemid=68&lang=es](http://www.pepbruno.com/index.php?option=com_content&view=article&id=435:otros-oficios-i&catid=44&Itemid=68&lang=es)>. Acesso em: jul. 2017.

BRUNO, Pep. Una historia de la profesionalización de la narración oral en España. CLIJ, **Cuadernos de Literatura Infantil y Juvenil**, 244, nov./dic. 2011.

CASTRILLÓN, Silvia. **O direito de ler e de escrever**. São Paulo: Pulo do Gato, 2011.

CÉSPEDES, F. Garzón. **El arte escénico de contar cuentos**. Madrid: Ed. Frakson, 1991.

COUTINHO, Maria Antônia Ramos. **O itinerário de Betty Coelho**: histórias correm pelo corpo. Salvador: EDUFBA, 2014.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MUNITA, Felipe; MANRESA, Mireia. La mediación en la discusión literaria. In: COLOMER, Teresa; FITTIPALDI, Martina. **La literatura que acoge**: Inmigración y lectura de álbumes. Barcelona: Banco Del Libro – Gretel; Fundación SM, 2012.

PATRINI, Maria de Lourdes. **A renovação do conto**: emergência de uma prática oral. São Paulo: Cortez, 2005.

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017**  
**23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

POLO, Carolina Garcia. La biblioteca y la escena. **Educación y biblioteca**, año 16, n. 142, julio/agosto, 2004. Dossier Teatro, títeres y cuentacuentos en bibliotecas.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**, PUC, São Paulo, n. 14, fev. 1997, p. 25-39.

PROLER: PROGRAMA NACIONAL DE INCENTIVO À LEITURA. **O que é o proler?** Disponível em:<[www.proler.culturadigital.br/o-que-e-o-proler](http://www.proler.culturadigital.br/o-que-e-o-proler)>. Acesso em: fev. 2016.

SANFILIPPO, Marina. **El renacimiento de la narración oral en Italia y España (1985-2005)**. 2005. 571 p. Tese (Doutorado em Literatura Española y Teoría de la Literatura). Facultad de Filología. Universidad Nacional de Educación a Distancia, 2005.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. Chapecó: Argos, 2001.

YUNES, Eliana. Contar para ler: a arte de contar histórias e as práticas de leitura. In: In: MORAES, Fabiano; GOMES, Lenice (Orgs.). **A arte de encantar: o contador de histórias contemporâneo e seus olhares**. São Paulo: Cortez, 2012.